

Pelo direito à opacidade: a experiência da tradução de *Otro Lacan*

For the right to opacity: the experience of translating *Otro Lacan*

KARIME COLARES

RESUMO:

Traduzir psicanálise é uma forma de leitura. Quando essa tradução implica atravessar a obra de um autor conhecido, os caminhos fazem viradas inesperadas. No trabalho de tradução desse livro, algumas questões: a multiplicidade de línguas, o problema das citações e como tratar os neologismos. É sobre esses aspectos, sua relação com o equívoco e com o conceito de opacidade, que este trabalho pretende tratar, na tentativa de dar lugar a reflexões que não cessam de ressoar.

PALAVRAS-CHAVE: traduzir – psicanálise – equívoco – opacidade – *Otro Lacan*.

ABSTRACT:

Translating psychoanalysis is a form of reading. When such translation involves traversing the work of a well-known author, the paths take unexpected turns. In the process of translating this book, certain questions emerged: the multiplicity of languages, the problem of quotations, and how to deal with neologisms. It is these aspects, their relation to equivocation and to the concept of opacity, that this work seeks to address, in an attempt to make room for reflections that continue to resonate endlessly.

KEYWORDS: translation – psychoanalysis – equivocation – opacity – *Otro Lacan*.

“Todo discurso tem um efeito sugestivo. É hipnótico. [...] Um discurso é sempre adormecedor, exceto quando não o compreendemos: então, ele desperta”.¹

A psicanálise sempre esteve entre línguas, faz parte da construção da teoria psicanalítica. Nas palavras de Paulo Sérgio de Souza Jr., tradutor e psicanalista: “a psicanálise é uma teoria importada”.²

A obra de Sigmund Freud, escrita em seu alemão com sotaque austríaco sofreu os efeitos da tradução indireta por muitas décadas no Brasil. Somente há cerca de dez anos as traduções diretas para o português brasileiro tornaram-se possíveis, quando seus escritos passaram a domínio público, exatamente 70 anos após sua morte.

Há muito o que pensar também em relação à psicanálise francesa de Jacques Lacan. Talvez, por se tratar de uma língua mais acessível que o alemão, verificamos nas traduções um excesso de “afrancesamentos” (ou galicismos, se preferirem).

¹ Lacan, J. (1976-77). *Le séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Aula de 19 de abril de 1977. Inédito. (tradução nossa). Disponível em: <http://staferla.free.fr/S24/S24.htm>.

² Souza Jr., P. S. de. (2021). A língua do outro e a nossa: Política, tradução e psicanálise. *Estudos Avançados*, 35(103), 53-62. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/pt_BR/article/view/192353.

As dificuldades com que os analistas se deparam ao lidar com línguas tão diversas podem ser um dos motivos que sustentam o famoso “lacanês”, além, é claro, da pura e simples falta de conhecimento teórico. Repetições vazias e aforismos recitados à exaustão acabam se constituindo num dialeto que pode trazer a ilusão de que, afinal, temos uma identidade comum e nos entendemos.

Suponho que seja conhecida por todos a proposta de Lacan sobre a noção de impossível, apoiada num conceito da matemática e articulada ao Real, como aquilo que não cessa de não se inscrever numa cadeia significante; o que não implica afirmar que seja inefável e, muito menos, inominável. O impossível não é uma questão de língua, o impossível é uma questão de letra, portanto efeito de discurso, uma questão que diz respeito à linguagem. Lacan, em seu texto “A psicanálise e seu ensino”, nos oferece a seguinte definição:

O sintoma psicanalisável, seja ele normal ou patológico, distingue-se [...] por se sustentar numa estrutura que é idêntica à estrutura da linguagem [...] tal como se manifesta nas línguas [...] as que são efetivamente faladas por massas humanas.³

Arrisco dizer, apoiando-me na elaboração teórica da filósofa Bárbara Cassin, que no campo da tradução, há também, em alguma medida, a dimensão do impossível; o esbarrar em certa intraduzibilidade estrutural de uma língua em outra. Essa autora assim define os intraduzíveis: “são sintomas, semânticos e/ou sintáticos, da diferença das línguas, não [é] o que não se traduz, mas o que não se cessa de (não) traduzir”.⁴ É o que exige tradução constante, em pontos onde as línguas resistem umas às outras. Portanto, podemos pensar que o impossível seria uma tradução integral e sem perdas, em completa transparência. O intraduzível não é um obstáculo, mas um “lugar de trabalho” do tradutor, que o obriga a pensar, interpretar e escolher. Traduzir, para Cassin, é sempre um gesto interpretativo e político, porque implica escolher como uma cultura escuta outra.

A lógica significante, cuja proposição mínima poderia ser formulada como: “o significante não significa a si mesmo”, traz para a teoria lacaniana duas consequências: por um lado, a possibilidade de que a clínica psicanalítica seja guiada por uma lógica não identitária, e, por outro, a consideração, por parte do analista, de que a fala do analisante é um convite a um trabalho de leitura. O psicanalista não é aquele que decodifica a “linguagem cifrada do inconsciente”. Isso traria a suposição de um inconsciente a ser desvendado e colocaria o analista como alguém que possui um saber prévio a respeito do analisante, portanto, anterior àquela análise.

³ Lacan, J. (1998). A psicanálise e seu ensino (1957), em *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 445.

⁴ Cassin, B. (2022). *Elogio da tradução: complicar o universal*. (S. Petry & D. Falkembach, Trans.). São Paulo: WMF Martins Fontes. p. 24.

E, a partir de uma citação da psicanalista e tradutora Ângela Jesuíno Ferretto, podemos também pensar a tradução sob os efeitos dessa mesma lógica, na qual não cabe a simplicidade de um deciframento.

Talvez sejamos obrigados a perceber, com Lacan, que a tradução não é apenas uma questão de passagem de uma língua à outra, uma questão de equivalências, de fidelidade, de sentido, mas também de literalidade, de letra, e ao mesmo tempo de submissão ao significante e seus efeitos.⁵

O psicanalista, para Lacan, tem mais de leitor e tradutor do que de intérprete. Portanto, considero que um dos caminhos que percorremos em APOLa é o de que, como analistas e tradutores – considerando que todo psicanalista é um tradutor, começando por Freud e Lacan –, estamos na tarefa de traduzir o que não poderia ser traduzido. Para finalizar essa primeira parte de minha exposição, cito novamente Bárbara Cassin: “[...] claramente escapamos da hierarquia ontológica das línguas assim que retraduzimos o intraduzível em vez de sacralizá-lo; não é dessa intraduzibilidade que precisamos”.⁶

Dito isso, depois de anos de prática clínica, recebo o convite de minha amiga, Alba Escalante, para participar do projeto de tradução do livro *Otro Lacan*,⁷ autoria de Alfredo Eidelsztein. Convite aceito, minha primeira tarefa: traduzir o capítulo “3º enlace”, cujo título foi traduzido como: “Desconstrução do ser (*être*) no ensino de Lacan: *parlêtre, dêsetre, manque à être, Kern unseres Wesen e Dasein*”.⁸ Temos o alemão de Freud, o francês de Lacan e o espanhol de nosso autor tratando os 21 neologismos que foram formulados na psicanálise lacaniana em torno do vocábulo *être* e seus conceitos.

⁵ Ferretto, A. J. (2009). O bilinguismo do tradutor. *Alea: Estudos Neolatinos*, 11(2), 354–360. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/mkTp6yB3BPP3xnrF4qvmwtf/?lang=pt>.

⁶ Cassin, B. (2022). Op. cit. p. 33.

⁷ Eidelsztein, A. (2000). *Otro Lacan: Estudio Crítico Sobre los Fundamentos del Psicoanálisis Lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva.

⁸ Idem. (2023). *Otro Lacan: Estudo crítico sobre os fundamentos da psicanálise lacaniana* (A. Escalante, D. Cardoso, K. Colares, T. V. G. Chaves, & V. T. Padilha, Trans.). São Paulo: Toro Editora.

Tabela 1 – Quadro do 3º *Enlace*⁹

Neologismo	Tradução em espanhol e português	Primeira aparição	Última aparição	Nº de textos ou aulas
Manque à être	Falta en ser / falta-a-ser	1953	1971	Dezenas
Êtrepenser	Serpensar / serpensar	1961	Seminário nº 9	Única
Êtrepensant	Serpensante / serpensante	1961	1961	Única
Êtretant	Serente / serente	1961	1961	Única
Quelquêtre	Cualquierser / qualquerser	1961	1961	Única
Pensêtrer	Pienser / pensaser	1961	1961	Única
Tantd'être	Tantodeser / tantodeser	1961	1961	Única
D(être)itus	Serdesecho / serdejeto*	1967	1967	Única
Désêtre	Deser / des-ser	1967	1972	Dezenas
Être-mâle / Être-femelle	Ser-hombre / Ser-mujer / ser-homem / ser-mulher	1967	1967	Única
Pense-êre	Piensa-ser / pensa-ser	1967	1967	Única
M'être / M'êtreise	Meser / Dominoser / m'estre / m'ser	1970	1973	Dois
Parêre	Paraser / pareser / paresser	1972	1977	Três
Pén-êrer	Penetrar-ser / penetrar-ser	1972	1972	Única
L'être-hair	Ser-odio / ser-ódio	1973	1973	Única
Êtrenel	Sereterno / sereterno	1973	1973	Única
Être-angel	Ser-extraño / ángel / ser-estranho / ser-anjo	1973	1973	Única
Êtrinite	Sertrinidad / sertrinidad	1973	1973	Única
Parlêre	Hablaser / Hablanser / falasser	1974	1980	Dezenas
Parlêrer	Hablarser / falarser	1975	1980	Três
Psarlêre	Psiser / serpsi	1977	1977	Única

O tema dos neologismos, que são abundantes no ensino de Lacan, levanta problemas de difícil solução; mas merecem todo o esforço que o tradutor dispende para tratá-los, pela função que têm na

⁹ Ibidem, pp. 172-173.

elaboração do *corpus* teórico lacaniano, embora a maioria dos neologismos criados se limite a uma única ocorrência. Lacan os define como “uma forma especial de discordância com a linguagem comum”.¹⁰

Nesta investigação, vamos nos centrar nas criações neológicas lacanianas, mas não faltam exemplos de escritores reconhecidos pela criação de neologismos para expressar ideias originais ou não, de uma maneira nova. Para citar apenas alguns, lembremos de James Joyce e Lewis Carrol na língua inglesa; Heinrich Heine na língua alemã; entre os brasileiros, Millôr Fernandes, João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa – mais citado e estudado quanto a esse aspecto –; Mallarmé, Baudelaire, Rimbaud na língua francesa etc.

A autora de *Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias*,¹¹ Patrícia Ramos Reuillard, professora titular do Instituto de Letras da UFRGS, descreve os neologismos como tendo a função referencial enquanto dominante. Seu emprego buscaria produzir um efeito sobre o destinatário. Função essa que está presente nos universos de discurso jornalístico, publicitário e, também, no literário. Lembrando que, por estarmos no campo da linguística, há consenso a respeito dessa definição.

O material para a pesquisa da autora citada constituiu-se a partir de duas fontes: a obra 789 *Néologismes de Jacques Lacan*,¹² sem tradução para a língua portuguesa, e uma versão digitalizada dos 25 Seminários. Partindo dessa lista, o critério final para considerar se uma criação lacaniana era realmente um neologismo foi a ausência de registro no *corpus* de exclusão: dicionários da língua francesa. Ou seja, as palavras não encontradas nessas fontes de consulta foram consideradas invenções de Lacan.

Em relação aos aspectos formais da criação neológica, Lacan faz uso de: derivação, palavras-valise, composição, criação por associação, empréstimo, decalque, neologia semântica, e lexicalização de nome próprio.

Vou me deter numa breve descrição dos três primeiros processos, que são os mais empregados por Lacan:

1. **Derivação:** quando há acréscimo de um prefixo, sufixo ou ambos, a uma palavra-base. Cito exemplos: *dêsetre* – *dés+être*; *unarité* – *unaire+ ité*; *rejuvénation* – *re+ juvénat + ation*.
2. **Palavras-valise:** termo criado por Lewis Carrol, é o resultado da redução de duas ou mais palavras a uma só. Assim como o rébus, magistralmente revela a ilusão de uma transparência da linguagem. Isso acontece porque, ao escutarmos ou lermos a palavra que foi formada nesse

¹⁰ Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: As psicoses (1955–1956)*. (A. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Aula de 30 de novembro de 1955.

¹¹ Reuillard, P. C. R. (2007). *Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias*. (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12506>.

¹² Pélissier, Y., et al. (2002). *789 néologismes de Jacques Lacan: Glossaire & listes*. Paris: EPEL.

processo, muitas vezes não conseguimos identificar quais foram os vocábulos de origem participantes dessa invenção. Cito exemplos: *extimité* – *EXtérieurité* + *inTIMITÉ*; *hontologie* – *HONte* + *onTOLOGIE*; *varité* – *VARIABLE* + *vÉRITÉ*; *étourdit* – *ÉTOURdi* + *DIT*, *parlêtre* – *PARLer* + *ÊTRE*; *dit-mension* – *DIT* + *dimension*.

3. **Composição:** são palavras novas criadas pela junção de dois ou mais vocábulos já existentes. A união desses termos funciona como uma unidade simples, expressando uma única noção ou conceito. Podem ser palavras compostas: *nom-du-père*; *pas-tout*; *lalangue*; ou sintagmas: *sujet supposé savoir*.

Lacan cria novos conceitos que demandam novas palavras, que nascem, portanto, de uma necessidade de denominação. Reuillard¹³ formula a hipótese de que a criação dos neologismos por Lacan, ao portar uma função estilística, visaria, principalmente, causar uma impressão no receptor, levando-o a reagir a inusitados efeitos da língua. Ela então afirma tratar-se de uma “neologia lúdica” por gerar efeitos de surpresa e humor, condensando sentidos e brincando com a forma sonora.

Voltando ao campo da psicanálise, retomo a epígrafe desse trabalho em que o discurso nos é apresentado como aquilo que desperta justo quando não o compreendemos. É o efeito que o neologismo nos provoca. Ele detém a nossa leitura. Não seria esse também um dos efeitos da fala que um analista dirige ao analisante?

Mas esse efeito de surpresa, de desentendimento, de estranhamento, que nos pega desprevenidos, não é inaugurado pelas criações de Lacan. Ele mesmo afirma e reafirma, principalmente em suas conferências de 1966/1967, reunidas e publicadas sob o título de *Meu ensino*, que a função do equívoco nos é introduzida por Freud a partir das irrupções involuntárias no discurso, material para pensar o inconsciente a partir de suas formações. Citando Lacan:

Ninguém antes de mim parece ter dado importância ao fato de que, nos primeiros livros de Freud – os livros fundamentais, sobre os sonhos, sobre o que chamamos de psicopatologia da vida cotidiana, sobre o chiste – encontramos um fator comum, proveniente dos tropeços da fala, furos no discurso, jogos de palavras, trocadilhos e equívocos.¹⁴

Isso sonha, rateia, isso falha, isso ri.¹⁵

Em nosso campo, tanto o neologismo lacaniano quanto as formações do inconsciente escutadas por Freud não são obstáculos ou meramente recursos linguageiros, mas sim uma “oferta de leitura” que,

¹³ Reuillard, P. C. R. Op. Cit.

¹⁴ Lacan, J. (2006). *Meu ensino*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 36.

¹⁵ Ibidem. p. 89.

ao modo de um chiste, revelam algo da verdade do assunto em jogo. Têm o valor de mensagem, de um elemento significativo a ser lido. Citando Lacan: “É nisso que consiste um chiste, [...] em servir-se de uma palavra para outro uso que aquele para o qual está feita, alguém a retorce um pouco, e é nessa torção que reside seu efeito operatório”.¹⁶

Mais uma vez, na direção dos tratamentos que conduzimos, não se trata de reconhecer algo que já está dado e, portanto, à espera da descoberta. Há uma operação em jogo, que interrompe o automatismo de uma possível leitura, indo mais além de uma significação imediata. O analista precisa fazer manobras que passam pela confusão, por dúvidas, perguntas e novidades. A esta altura, creio que as semelhanças com o trabalho do tradutor fazem-se evidentes.

Mas não só de leitura são feitos os tratamentos psicanalíticos e tampouco as traduções. Em outro processo tradutório em que participei, nos deparamos com o vocábulo do espanhol “*lectoescritura*”, o qual, diga-se de passagem, poderia ser um ótimo neologismo em português! A imediata tradução que obtivemos ao consultar os meios eletrônicos disponíveis foi “alfabetização”. Caso tivéssemos permanecido nesse ponto, teríamos perdido o conceito proposto pelo autor, que define a interpretação analítica como uma operação simultânea de leitura e escrita. A psicanalista Gabriela Mascheroni, em seu livro *Los neologismos de Lacan, una teoría en acto*, ao descrever o discurso analítico, nos diz: “[...] o turbilhão de significações que é habilitado pelo neologismo, [em algum momento] deve fechar-se, ou buclear-se [...]”.¹⁷

O tradutor precisa fazer escolhas. Dentre as possibilidades, eleger uma palavra, na verdade, muitas, para escrever outro texto. A consumida frase “*traduttore-traditore*” ecoa como um refrão. É dito que aquelas pessoas que se ocupam desse delicado ofício traem, mas o que não se diz é que estão constantemente traindo a elas mesmas. Emprestam sua voz a outros, e dizem coisas com as quais nem sempre concordam. Incluindo-me nessa função, traímos as nossas línguas, quando as forçamos a dizer aquilo que elas não querem dizer. Traímos o texto que estamos traduzindo – para bem e para mal – prolongando ou encurtando as suas fronteiras. Traímos tradições de leitura, quando incorporamos teorias em línguas nas quais antes elas não circulavam. Uma tradução, portanto, deve se assumir como tradução e, com isso, mostrar suas escolhas e suas apostas.

Nos encontros do grupo de pesquisa “Tradução e Psicanálise”, conhecemos as ideias de Édouard Glissant, antropólogo e filósofo martinicano, e sua elaboração do conceito de opacidade. Muito resumidamente, podemos dizer que se trata de desistir de “compreender o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência”.¹⁸

¹⁶ Lacan, J. (1976–1977). *Le Séminaire XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito. (tradução nossa). Aula de 17 de maio de 1977. (tradução nossa). Disponível em: <http://staferla.free.fr/S24/S24.htm>.

¹⁷ Mascheroni, G. (2014). *Los neologismos de Lacan: Una teoría en acto*. Buenos Aires: Letra Viva. p. 103. (tradução nossa).

¹⁸ Glissant, É. (2005). *Introdução a uma poética da diversidade*. (E. do C. A. Rocha, Trad.). Juiz de Fora: Editora UFJF. p. 85-86.

Não se trata de trazer a transparência, mas de manejar opacidades. Aliás, é muito curioso ler o que acabo de escrever, já que a presumida transparência é uma “bela de uma ilusão”, embora tentativas sejam feitas, o que pode ser violento e reducionista. Afinal, como tomar o meu modelo, a minha língua – tanto numa análise como num trabalho de tradução – como algo que serviria prontamente a uma leitura do texto e/ou do discurso de um outro? Isso seria tratar o mundo como se a realidade fosse construída “à nossa imagem e semelhança”. A estrutura significante, inclusive, já nos aponta para tal impossibilidade. É o que nos diz Lacan no “Seminário sobre ‘A carta roubada’”¹⁹ ao descrever o repartitório, pois, basta sairmos do binarismo para uma relação quadrática, e já temos instalada a opacidade da letra.

Glissant nos conta, em seu livro *Poética da Relação*, sobre as objeções que recebeu ao reclamar o direito à opacidade. Disseram: “como nos comunicar com o que não entendemos?”²⁰ Mas é justamente essa a questão. Não se trata de “entender”, mas de simplesmente consentir com o direito à diferença, o que “não é o encerramento em uma autarquia impenetrável”.²¹ Basta reconhecer que não é possível reduzir qualquer pessoa a uma verdade que ela própria não tenha produzido sobre si mesma, levando em conta seu tempo e seu lugar: “Opacidades podem coexistir, confluír, tramando tecidos cuja verdadeira compreensão estaria na textura dessa trama, e não na natureza dos componentes”.²²

Finalizo com uma citação de Glissant: “O pensamento da opacidade me distrai das verdades absolutas, das quais eu pensava ser o depositário. Longe de me refugiar na inutilidade e na inatividade [...] me faz sensível aos limites de todo método”.²³ Esse método pode ser o da tradução ou o da psicanálise.

¹⁹ Lacan, J. (1998). O seminário sobre “A carta roubada” (1966). Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

²⁰ Glissant, É. (2021). *Poética da Relação* (M. Vieira & E. J. de Oliveira, Trans.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. p. 252.

²¹ Ibidem. p. 220.

²² Ibidem. p. 253.

²³ Ibidem. p. 257.

BIBLIOGRAFIA:

1. Cassin, B. (2022). *Elogio da tradução: Complicar o universal*. (S. Petry & D. Falkembach, Trans.). São Paulo: WMF Martins Fontes.
2. Eidelsztein, A. (2000). *Otro Lacan: Estudio Crítico Sobre los Fundamentos del Psicoanálisis Lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva.
3. Eidelsztein, A. (2023). *Outro Lacan: Estudo crítico sobre os fundamentos da psicanálise lacaniana*. (A. Escalante, D. Cardoso, K. Colares, T. V. G. Chaves, & V. T. Padilha, Trans.). São Paulo: Toro Editora.
4. Ferretto, A. J. (2009). O bilinguismo do tradutor. *Alea: Estudos Neolatinos*, 11(2), 354–360. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/mkTp6yB3BPP3xnrF4qvmwtf/?lang=pt>.
5. Glissant, É. (2005). *Introdução a uma poética da diversidade*. (E. do C. A. Rocha, Trad.). Juiz de Fora: Editora UFJF.
6. Glissant, É. (2021). *Poética da Relação*. (M. Vieira & E. J. de Oliveira, Trans.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
7. Lacan, J. (1976–1977). *Le Séminaire XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S24/S24.htm>.
8. Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3: As psicoses (1955–1956)*. (A. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
9. Lacan, J. (1998). A psicanálise e seu ensino (1957), em *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
10. Lacan, J. (1998). O Seminário sobre 'A carta roubada' (1966), em *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
11. Lacan, J. (2006). *Meu ensino*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
12. Mascheroni, G. (2014). *Los neologismos de Lacan: Una teoría en acto*. Buenos Aires: Letra Viva.
13. Péliissier, Y., et al. (2002). *789 néologismes de Jacques Lacan: Glossaire & listes*. Paris: EPEL.
14. Reuillard, P. C. R. (2007). *Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias*. (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12506>.
15. Souza Jr, P. S. de. (2021). A língua do outro e a nossa: Política, tradução e psicanálise. *Estudos Avançados*, 35(103), 53-62. Disponível em: https://revistas.usp.br/eav/pt_BR/article/view/192353.

KARIME COLARES

Psicanalista, sócia de APOLa internacional e participante da sede Brasília, onde exerce sua prática clínica. Participa do grupo de pesquisa “Tradução e Psicanálise” vinculado à UnB.

E-mail: colares.karime@gmail.com